



***O diálogo entre culturas sob o prisma das ciências humanas e sociais***

*Dialogue between cultures from the perspective of the human and social sciences*

*Luan Gomes dos Santos de Oliveira<sup>1</sup>, Aldeone Pereira Silva<sup>2</sup>, Fernanda Fernandes Barbosa<sup>3</sup> e Agilio Tomaz Marques<sup>4</sup>*

**LEITURAS E RESENHAS**

**RESUMO:** Este texto é componente de uma mesa redonda sobre o diálogo entre saberes no contexto da transdisciplinaridade. Tem como objetivo pensar a pluralidade de culturas, de conhecimentos, de ciências e a necessidade de conexão entre elas.

**Palavras-Chave:** Diálogo entre culturas, ciências humanas e sociais, pluralidade de saberes.

**RESUME:** This text is part of a round table on the dialogue between knowledge in the context of transdisciplinarity. It aims to think about the plurality of cultures, knowledge, sciences and the need for connection between them.

**Keywords:** Dialogue between cultures, human and social sciences, plurality of knowledge

<sup>1</sup>Sociólogo-Antropólogo, Assistente Social, D. Sc. em Desenvolvimento e Meio Ambiente e D. Sc. em Educação pela UFRN, . CCJS/UFCG – Campus de Sousa – PB. Email: [luangomessantos@terra.com.br](mailto:luangomessantos@terra.com.br)

<sup>2</sup>Prof. da FAFIC - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, M. Sc. em Sistemas Agroindustriais pela PPGSA/UFCG/CCTA – Pombal. Graduado em Filosofia e Teologia e Direito – E-mail [aldeonesocial2026@gmail.com](mailto:aldeonesocial2026@gmail.com)

<sup>3</sup>Prof. da FAFIC - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, M. Sc. em Sistemas Agroindustriais pela PPGSA/UFCG/CCTA – Pombal - PB. Graduada em Serviço Social e Direito – E-mail: [nandafernandesrn@hotmail.com](mailto:nandafernandesrn@hotmail.com)

<sup>4</sup>Bacharel em Direito TJ/PB. E-mail: [agiliotomaz@hotmail.com](mailto:agiliotomaz@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Quero pedir licença a todos e todas presentes neste espaço de diálogo, de politização do pensamento para contar a história que implica na criação desse ensaio que lhes apresento. Opto por essa escolha de ordem metodológica para mostrar como o diálogo é um projeto de mudança pessoal e coletiva.

Era uma vez...

No dia treze de agosto de 2017 foi realizado o III Fórum Humanidade Nova, na cidade do Natal/RN, esse evento tinha como tema principal “**A CULTURA DO DIÁLOGO: CONSTRUINDO UMA NOVA POLÍTICA**”. Algo me despertou a atenção, quando eu cheguei no local do evento fui acolhido pela psicóloga Ana Célia, que acompanhava uma das palestrantes do dia, a Socióloga Vera Araújo. Ao ser apresentado a Vera Araújo me arrisco a falar desajeitadamente do meu trabalho de tese de doutorado: o diálogo inter-ciências, inter-saberes. Ela me respondeu com uma atitude jovial, e me disse que o diálogo na contemporaneidade estava marcado sob o signo da contaminação entre os diversos domínios e áreas do conhecimento. Nesse pequeno diálogo fui tomado por uma alegria, a alegria do encontro, da possibilidade de construir pontes.

Passado o evento, me deparo com uma entrevista concedida por Vera Araújo à Revista Cidade Nova, em janeiro de 2018. A temática abordada pela socióloga tratava-se da “*beleza do pluralismo*”, outro encontro dialógico me foi oportunizado por essa leitura. E a partir disso que quero começar a dialogar com todos. Sublinho que: “[...] Não se dialoga entre categorias, dialoga-se entre pessoas que têm categorias diferentes” (ARAÚJO, 2018, p.7).

Na contemporaneidade somos atingidos por um mal-estar nos modos de convivência, de pensar, e de saber lidar com os próprios limites e os limites dos outros. Isto pode ser auxiliado pela arte de exercitar a nossa dupla identidade de ser indivíduo e coletivo simultaneamente. No entanto, nos marcos da cultura ocidental moderna fomos condicionados a pensar e a agir de forma separada e isso contribuiu para dividir os saberes científicos e culturais. Esse ensaio se propõe a ser um disparador de uma revolução no pensamento, já iniciada pelos pensadores da transdisciplinaridade, que ambiciona a religação dos saberes, uma ideia mais ampla de ciência e a comunicação efetiva entre cultura humanística e cultura científica.

Retomando o que a socióloga Vera Araújo escreveu, posso transpor essa ideia para o campo do diálogo de saberes, pois costumo ouvir especialmente no ambiente acadêmico: cuidado para não pôr no mesmo lugar autores com atitudes e pensamentos distintos na escrita de um texto. Os entre silenciosos dessa atitude pode informar uma proibição ao diálogo, o medo do diferente, o receio de suspender as verdades. Essa atitude cooperou por formar uma cultura acadêmica e científica fechada em departamentos, fechada em disciplinas que pouco se pouco se permitem se alterar. Uma interrogação emerge dessa argumentação: são os saberes que se comunicam? Ou nós que não queremos estabelecer conexões entre as abordagens teóricas, práticas profissionais, por ter medo de nos perder?

Dessa forma, posso pensar quem constrói o diálogo entre os saberes, entre as culturas, somos nós, criadores de uma Ciência impessoal, escravizada pela objetividade científica e recalcadora da subjetividade. Por isso, em vista dessa contradição, proponho a ideia de cultura no plural (culturas) que de uma maneira genérica foi nos ensinada como mundo do conhecimento e o mundo das regras, dos costumes. Essa cultura no plural abrange e reforça a ciência no plural (ciências), como um elemento narrativo, e não como único discurso monolítico da realidade. Assim, reconheço que a relação entre as ciências e as culturas podem ser guiadas e ampliadas em um movimento de complementaridade e não de oposição, que delinea a circularidade dos saberes e uma espécie identidade plural, essa compreendida como:

*[...] a beleza do pluralismo. E a importância do pluralismo cultural, existencial, mental, como riqueza. Mas como isso pode se transformar também em conflitos. Nessa minha experiência eu pude vivenciar como a gente pode ter uma identidade forte, real, e uma abertura plural, sem ficar meio doido, sem ficar fora do juízo. Mas numa postura, digamos assim, que não só é sadia, mas é evolutiva. Você cresce sempre, nunca termina de crescer, de amadurecer. Essa identidade plural. E não é relativa, relativismo. É identidade mesmo. Mas é rica de pluralidade. É relacional (ARAÚJO, 2018, p. 9).*

Historicamente, as sociedades não separavam a ciência da cultura, elas eram animadas por questões de fundo existencial que tentam abarcar o sentido da vida e do universo. Com a modernidade (séc. XVII e séc. XVIII) ocorreu a disjunção, passando a ciência a transformação como um caminho maior do que a cultura, bem perceptível nos trabalhos científicos do paradigma clássico: a relação entre sujeito - objeto. Especialmente quando se exclui o sujeito de sua narrativa, tudo em nome da Ciência. Entretanto, há uma contra-resposta sendo escrita, que corresponde,

*[...] ao clamor desencadeado pelo conceito de duas culturas – a cultura científica e a cultura humanística – introduzido há algumas décadas por C. P. Snow, romancista e homem de ciência ao mesmo tempo. [...] O conforto dos proprietários dos territórios do conhecimento foi ameaçado e sua consciência posta à prova. A ciência é uma parte da cultura, mas esta cultura científica está completamente separada da cultura humanística (NICOLESCU, 2015, p. 109).*

A ciência é produto da cultura, e a cultura produz saberes, conhecimentos, ciências, modos de pensar e de vida diversos. Não há uma definição pronta e acabada de cultura. Mas se deve atentar que “[...] Tudo isso nos sugere a existência de um tronco comum indistinto entre conhecimento, cultura e sociedade” (MORIN, 2001, p. 21). Para a legitimidade do reconhecimento desse tronco comum que constitui o antropos (especificidades culturais, sociais, políticas, psicológicas, etc), há a necessidade do diálogo como um elemento fundante do diálogo entre culturas. Gostaria de narrar para todos uma indagação do filósofo francês François Jullien, em sua obra diálogo entre culturas:

*Mas em que língua se dialogará, se for entre culturas? Se este triângulo for mantido: se a cultura for abordada inicialmente a partir da língua (no lugar do religioso, do ideológico etc.) e se a língua já for pensamento? Responderei, sem recear o paradoxo: cada*

*um em sua língua, mas traduzindo o outro. Pois a tradução é a implementação exemplar da operatividade própria do diálogo [...] a meu ver é a única ética possível do mundo “global” por vir (JULLIEN, 2009, p. 200).*

Esse processo de tradução permite o diálogo seja personificado no outro que traduz, é como se vivêssemos por segundos, minutos, horas, a vida de um outro. É ser uno e múltiplo, sem esquecer da riqueza do entre, das fronteiras borradas dos saberes, das culturas, e encontrar o que nos une e nos distingue pela diversidade na unidade e não na oposição, nem na separação, e nem na fragmentação. É a sensação de sermos cidadãos do mundo, da Terra-Pátria (MORIN). O que seria o diálogo então? Como pensá-lo? Como torná-lo ação livre? E quais os limites a serem experimentados?

Tais questões não podem ser respondidas em sua exatidão, pois o ser humano limitado, inacabado, pode experimentar o diálogo como um processo de crescimento ou de experimentação do pensamento e de esvaziamento de si, com vistas a gerar um outro. Gostaria de destacar alguns princípios para a construção de um diálogo livre. **Primeiro** – penso que tomar a concepção de limite como um aparente obstáculo e como uma possibilidade de autoformação, de autoconhecimento e de compreensão (contínua) do outro, geradora de uma antropologia do limite, que nas palavras de Pietro Cavaleri, [...] na relação de comunhão, a experiência frustrante do limite e aquela do dom gratuito de si não se contradizem, não se excluem, mas se tornam duas polaridades distintas de um “único continuum”, de um mesmo evento relacional capaz de fundar e regenerar o humano em cada momento da história e em cada ângulo da Terra (p. 9). Não há diálogo perfeito, há diálogo livre espontâneo, assumindo uma concepção de diálogo enquanto compaixão (Ricardo Peter, 1997).

**Segundo** – Os interessados na arte do diálogo (etimologia – palavra grega onde dia significa “através de” e logos significa “palavra”) precisam suspender seus ideais de perfeição para experimentar o silêncio da escuta do outro.

**Terceiro** – Evitar a comparação entre as culturas, e adotar o país do outro como próprio (Chiara Lubich).

**Quarto** – Pensar sobre a Reforma e Revolução do Pensamento (Politização do pensamento) cultivando uma educação para à vida. Que não separa vida e ideias, que não cai na esquizofrenia da separação entre pessoa-profissional; o diálogo forma o sujeito para ser mundiólogo. Consciência de que sem o outro eu não conheço o mundo. Sentimento vivo e encarnado de carregar o mundo sobre os ombros (Chiara Lubich).

O diálogo pode contribuir com o dinamismo das relações entre as ciências, os saberes, as culturas, as sociedades, assim como pode ampliar os significados das

especializações e fragmentações do conhecimento, que tem como raiz amputar pedaços do ser humano, perdendo a totalidade de vista. Boris Cyrulnik nos conta uma história da necessidade de mancar dos dois pés, rumo a uma visão mais ampliada de mundo, e não fixar a atenção no especialismo. Isso não significa se opor aos especialistas, mas ir além da dualidade micro-macro, integrar e ultrapassar. Para isso, Vasconcelos critica a especialização e a fragmentação dos saberes, tomando como exemplo o campo da Saúde Mental (o caso Nise da Silveira). Elencarei princípios básicos para se re-pensar as práticas inter (psicanálise do conhecimento objetivo-Bachelard):

1 – O debate acerca do ecletismo, pluralismo e da onipotência teórica

- Cuidado com o ecletismo! Não misture teóricos diferentes;

- O pluralismo é um risco para perder a minha verdade;

- Tal teórico é melhor do que outro, ele dá conta do real.

2 – Os diversos campos que interagem nas “práticas inter”:

- Ciências sociais, psicologia, serviço social (Bader Saiwa);

Além desses princípios, existem os obstáculos e limitações às práticas inter (Vasconcelos, p. 115):

1 – O profissionalismo – disputa entre as profissões pelo campo social, pelo psi (impedimento para troca de saberes);

Ao passo que escrevo esse ensaio aparentemente teórico, sou tomado pela autocrítica e percebo que outro imperativo se ergue, o da reforma do pensamento, como possibilidade de deslocamento, de nomadismo de ideias. Talvez essa seja uma das vias que permita a muitos homens e mulheres romperem com os dogmatismos científicos, religiosos, para abrir culturas de diálogo e enraizar uma humanidade nova, que não se encerra em moldes clássicos, mas os integram e ultrapassam- os dialogicamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência de diálogo entre culturas e saberes constitui um esboço de que é necessário a comunicação entre as inundações, e ousar borrar as fronteiras do pensar, dos saberes, das ciências, das culturas, e mobilizar os limites à comunhão. Portanto, o movimento de diálogo é metamorfose, é como se esvaziar de si mesmo e ir ao encontro do outro, para tornar-se um outro, mais aberto e mais enraizado na condição humana que nos faz unos e múltiplos. Deixo como convite ao diálogo uma mensagem: *“[...]os acadêmicos deveriam fazer pesquisa sabendo que são dominados pelas ideologias da época. Por dever profissional deveriam fazer grande esforço para ler e ouvir os oponentes. Marxistas deveriam tomar café da manhã com monetaristas; freudianos, com junguianos; islamitas com judeus. Talvez assim pudéssemos discutir humildemente o que os novos tempos trazem de bom e de ruim, com alguma esperança de influenciar o mundo, suave, delicada e imperceptivelmente. Ou, pelo menos, entender o que está acontecendo” (João Sayad).*

Muito obrigado pela atenção e escuta!

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera. **A beleza do pluralismo**. Revista Cidade Nova. São Paulo, 2018.

JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo**. São Paulo: Zahar, 2009.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Coleção Trans. 2015.